



Lisboa a nossos pés. Deixamos o Tejo, deixamos o cenário das sete colinas, passeamos por ela a céu aberto — cidade azul de Vieira da Silva, cidade branca segundo Tanner, cidade ocre, pombalina — e, quando olhamos o chão, vemo-lo ilustrado a pedra-esmalte por gerações de artesãos a que nós chamamos os calceteiros.

Artistas sem assinatura, no fundo é o que eles sempre foram e continuam a ser. De martelinho sagaz, há dois séculos bem contados que implantam na brancura dos passeios pequenos pedaços de basalto como quem implanta diamantes escuros e são mestres em imaginar figuras ou em caprichar ornatos. Mais: às vezes, vão até às inscrições caligráficas em rigor de compêndio trabalhado, como se redigissem em beleza para a eternidade.

Por isso é que algures, já não sei onde, me nasce debaixo dos passos uma letra floreada, uma inicial bordada a pedra miúda como se fosse um monograma de enxoval. E mais algures, um nome

Como se navegasse, como se navegasse.
Aí vou, pois, aí vou eu, Lisboa a meus pés.

Assim, datas, nomes de mulheres, flores, isso e espadas, e vélas, e tantos símbolos de mar e guerra que constam da encenação dos homens repetem-se na encenação da cidade. Esta sereia que eu já vi, ia jurar, gravada a cores no peito de um pescador vai-me aparecer, não tarda muito, em renda de granito no Largo do Chiado, aos pés da estátua de Camões. E este coração, tantas vezes trespassado por uma seta de paixão, surge-me a todas as horas, deposto à sombra dos Ciprestes do Cemitério Oriental, marcado por outra morte. E os delfins, os célebres delfins cantadores que sulcavam os antigos impérios das águas? Delfins, garanto eu, tanto os podemos ver em tatuagem no homem-diabo que vomita chamas para o céu nas noites da Feira Popular como figurados na placa da Praça do Comércio, frente ao Tejo onde antes passavam os outros, os verdadeiros.

É que percorrer os empedrados preciosos de Lisboa é uma leitura que tem a ver com a nossa história de filhos do mar e com

A CIDADE TATUADA

JOSÉ CARDOSO PIRES

de mulher: “Leontina”, leio eu com a ponta do sapato — e retardo o olhar: que eterno apaixonado quis assim deixar em público o seu compromisso com a secreta amada? E as datas que aqui e ali nos saltam ao caminho, porquê as datas, pergunto-me eu. Algumas, à entrada dos estabelecimentos, comemoram burguesmente um pacto comercial, vê-se logo, outras são históricas. Mas algumas aparecem desgarradas e são tão misteriosas como aquelas que certos homens de mundo e aventura transportam consigo para sempre, tatuadas na pele.

Ilustradores das ruas e calígrafos ao desbarato, os calceteiros desenham e escrevem o chão que nós, os de Lisboa, pisamos todos os dias. Escrevem e apagam-se logo, muito anónimos. Mas, na Rua da Junqueira, deixaram os passeios pontuados de vírgulas de pedra, na Estrela, à porta duma escola, vogais dispersas para a gente soletrar com o andar e, em Benfica, aparos de boa letra recortados na calçada.

Mas se um dia tivermos a sorte de descobrir estes mestres ao trabalho agachados à flor da pedra, de martelinho no ar, percebemos que estamos diante de escribas acorados à maneira mais que antiga. Então, sim, reconhecemo-los como memorialistas da cidade que lavram a sua letra e o seu desenho a tracinho pontilhado, segundo a regra dos ilustradores da pele. Tatuadores é o que eles são porque, em penetrações rituais, revestem o corpo da cidade com tatuagens impressas não a tinta mas a pedra aguda.

a nossa mitologia citadina. Naus errantes, meio loucas, ou caravelas de rota pensada cruzam-se connosco a todo o passo nos mosaicos de calçada à portuguesa que revestem os caminhos de Lisboa. Na Graça, no popularíssimo Bairro da Estrela de Ouro, está gravada no chão uma âncora torsa tão imaginada de beleza que se tornou mítica para sempre. O mesmo se diz do corvo, o corvo, esse pássaro-símbolo da capital, ao cabo de tanto saltitar nos empedrados de São Bento, Almirante Reis, Avenida da República, eu sei lá, tornou-se tão eterno de todos nós que se transfigurou e ganhou nome de santo. Verdade. Vicente, chama-lhe o legítimo lisboeta. Quer-se melhor?

Corvos, corvos de taberna e caravela, também eles ligam o mar à cidade porque vieram das ondas à proa do cadáver de um santo e ancoraram nesta porta da Europa com honras de embaixadores. Comtemplo-os nas pedras do chão como figuras de uma velha tapeçaria; e sigo. Já no alto do Castelo, descubro uma concha desenhada, cá está: mar. Noutra colina, um búzio. E, entre o Tejo e os Jerónimos, dou de caras com uma esfera armilar do tamanho dos oceanos. Reparem: acolá, mais adiante, há ondas. Uma extensão de ritmos pautados em azul-granito a espriar-se pelo pavimento batido pelo sol. Parece uma pele tatuada em paisagem de mar, que se enrugua, ondulante, e que eu atravesso como se navegasse.

Como se navegasse, como se navegasse. Aí vou, pois, aí vou eu, Lisboa a meus pés. ●